

# A Unicamp vai discutir o futuro de nossa economia

Brasil

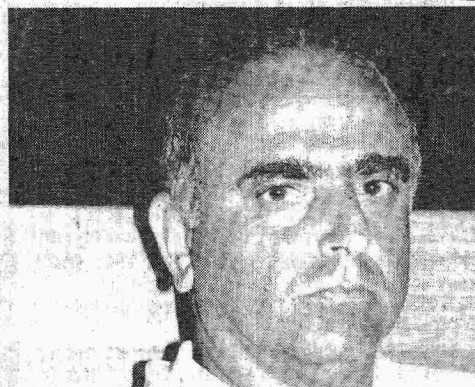
O segundo ciclo de debates do seminário Brasil Século 21 começa às 9 horas de hoje, na Unicamp, com o objetivo de preencher a "lacuna do silêncio" desta década, que supervaloriza as questões conjunturais de urgência, como a inflação ou a dívida externa, abandonando as reflexões mais abrangentes de tendências a médio e longo prazos. O tema deste mês — "As Perspectivas da Economia Brasileira" — será discutido de hoje a dia 5, em oito sessões.

Neste primeiro dia, os economistas Paulo Nogueira Batista Jr., Maria da Conceição Tavares, Pedro Malan (Banco Mundial de Washington), e Luciano Coutinho, entre outros — presididos pelo embaixador brasileiro nos EUA, Marcílio Moreira Marques — debaterão "A Inserção Brasileira na Economia Mundial", um dos desdobramentos do tema geral "O Brasil e a Economia Mundial". À tarde, sob presidência do ex-ministro Dilsen Funaro, será discutida "A Questão da Dívida Externa", por economistas como Mônica Baer, Adroaldo Moura da Silva e Luís Gonzaga Belluzo.

Segundo o reitor Paulo Renato Costa Souza, "a Unicamp, como toda universidade jovem, deve estar vinculada à produção de idéias e expansivamente aberta aos problemas dos novos tempos. Em síntese, pretendemos com este seminário incentivar a reflexão, às vésperas da virada do século, sobre o que presumivelmente constituirá o legado do século XX ao que se iniciará".

O reitor da Unicamp ressaltava ainda outro tópico do seminário — o problema da falta de definição de uma política industrial para o País. "O Brasil precisa inserir-se na economia mundial, sob pena de ficar aliado do processo. Para isso, é fundamental que estabeleça sua política industrial. É bom lembrar que a economia desta década transformou-se radicalmente com a emergência do Japão e Europa, que passaram a liderar, com os Estados Unidos, o mercado internacional."

O problema da distribuição de renda no Brasil está interligado, na opinião de Costa Souza, como da ausência de prioridades de desenvolvimento. "Um crescimento industrial supõe uma base de mercado interno, com boa distribuição de renda", argumenta o reitor.



Paulo Renato de Souza

Na sua avaliação, a reserva de mercado na informática começou bem, mas não avançou. "Faltou definir, numa segunda etapa, os setores de atuação, os que seriam incentivados, ficando os demais a cargo das importações." Da mesma forma — prossegue — não se definiu o papel do capital estrangeiro na indústria, e principalmente em que setores deveria aplicar-se. Também haverá debates sobre o desempenho do Estado na economia.

Aliás, para Costa Souza a solução não está em acabar com o Estado, mas em repensar as prioridades, privatizando-se alguns setores e concentrando-se em outros, de maior importância para o momento. "Com isso, recuperam-se investimentos de infra-estrutura em áreas básicas e estratégicas, como educação, saúde e tecnologia."

Na análise de outro economista, Mário Possas (Unicamp), coordenador da segunda etapa do seminário, "o Brasil está inserido de forma altamente inconveniente na economia mundial, o que gera duas dificuldades: a da competitividade do parque produtivo, hoje sem uma estrutura eficiente, e o problema financeiro de um país endividado, que por isso mesmo se torna uma presença inconveniente no cenário econômico mundial".

Dai a importância de se discutir "A Inserção Brasileira na Economia Mundial", tema de abertura do seminário, sustenta Possas. "O Brasil se mostra aparentemente um país competitivo, em função de

suas exportações. Este ponto, entretanto, deve ser melhor examinado. Em grande parte, por circunstâncias que são específicas da nossa economia, a competitividade das exportações brasileiras não reflete a eficiência econômica, com vários setores tecnologicamente defasados."

O Brasil precisa resolver uma série de desafios para superar a difícil situação que enfrenta, entre eles, o da dívida externa, que Possas examina sem otimismo: "As soluções apresentadas para a questão do endividamento externo são incompletas e implicam condições de renegociação, com vantagens, no mínimo, discutíveis". Existem ainda a serem vencidas as dificuldades estruturais internas, "que requerem o desenvolvimento e a aplicação de políticas específicas durante muito tempo".

O simpósio também vai debater as perspectivas da transformação da estrutura produtiva do País, "um outro aspecto associado à questão geral das estruturas". Mário Possas argumenta que nosso sistema produtivo não consegue criar empregos suficientes para absorver toda a mão-de-obra. "Consequentemente — sem poder de compra e nem mercado interno fortalecido —, o crescimento também fica comprometido." O coordenador do seminário opina que a procura do mercado externo como alternativa também é discutível: "Todos os países desenvolvidos criaram um mercado interno saudável, e por isso cresceram. No Brasil, um déficit altíssimo, sem capacidade para gerar recursos — problema que passa diretamente pela distribuição de renda e perspectiva de empregos — não deixa a economia crescer". Na visão de Possas, "é ilusório imaginar que um país com níveis de desigualdade como os do Brasil, gerados pela má distribuição de renda, possa equiparar-se a nações desenvolvidas".

O caminho para a definição de políticas econômicas adequadas, que segundo Possas arrumariam a estrutura interna do País, surgirá exatamente do debate e da reflexão sobre esses temas — o que o seminário Brasil Século XXI vai fazer a partir de hoje.

**Lea Cristiane Violante,  
AE Campinas.**